PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNÍ-VOS!

A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO DO COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Nº 26 RIO DE JANEIRO JANEIRO DE 1969 ANO IV

UM ANO DE LUTAS

Grandes foram as lutas do povo brasileiro em 1968. As ações de massas que, pouco a pouco, vinham-se desenvolvendo desde 1964 assumiram no ano que findou um nível bastante elevado. Tiveram conteúdo revolucionário e contribuíram imensamente para desenvolver a consciência política de vastos setôres da população. Todo o curso da situação nacional foi marcado pela combatividade das massas populares.

O movimento estudantil realizou poderosas demonstrações. Os estudantes podem orgulhar-se das lutas que realizaram. Mais de uma vez, fizeram a reação bater em retirada. Defenderam suas organizações, desmascararam firmemente o govêrno de Costa e Silva e condenaram com energia os Acordos MEC-USAID. Com seu desprendimento e entusiasmo juvenil, impulsionaram o movimento revolucionário. Utilizando as mais variadas táticas, abriram novos caminhos à luta de rua nas grandes cidades.

Os operários intensificaram seu combate à política salarial do govêrno. Arrostando as arbitrariedades policiais e as ameaças do Ministério do Trabalho, os metalúrgicos de São Paulo e Minas Gerais levaram a efeito greves de envergadura com a ocupação de fábricas. Os bancários, articulados nacionalmente, efetuaram inúmeras paralisações em diversos pontos do país. Destacam-se as de Belo Horizonte, Curitiba e Fortaleza, onde ocorreram choques com a polícia. Outras greves foram desencadeadas, de que são exemplos as dos têxteis de Jundiaí, dos trabalhadores em sementes oleaginosas de Fortaleza e dos salineiros de Mossoró. As comemorações de 1º de Maio foram um ponto alto das lutas do proletariado. Em particular na capital de São Paulo, tais comemorações transformaram-se em repúdio à ditadura e ao imperialismo ianque.

Também os camponeses ergueram-se contra os grileiros e a prepotência dos latifundiários. Em diferentes ocasiões, no norte do Paraná, empunharam armas para enfrentar os jagunços e a polícia. Em Goiás, Maranhão, São Paulo, Bahia, Mato Grosso, Minas Gerais e Pernambuco as massas camponesas recorreram a diversas formas de luta, o que indica o crescimento da revolta que lavra no campo.

Prosseguiram com mais vigor os protestos dos artistas e intelectuais contra a censura, o terrorismo cultural, as violências policiais e contra os atentados fascistas aos teatros e universidades. Os professôres primários e secundários de Minas Gerais, São Paulo, Ceará e de outros Estados fizeram greves e realizaram passeatas em favor de suas reivindicações. A intelectualidade tem participado, ativamente, ao lado de outras fôrças, no combate à ditadura.

Em tôdas estas jornadas democráticas e patrióticas, o povo brasileiro golpeou sèriamente o regime militarista, adquiriu mais experiência, amadureceu politicamente e reforçou sua unidade. Preparou-se para novos e mais intensos combates. Avançou, assim, em 1968, o movimento revolucionário no Brasil.

A perspectiva que se apresenta para 1969 é de choques ainda maiores entre o povo e a ditadura. As massas populares conseguirão novos e grandes êxitos e os militares sofrerão novas e grandes derrotas.

O PARTIDO DO PROLETARIADO SE FORTALECE

«É tempo de reassumir o nosso lugar nas fileiras do nosso Partido — o Partido Comunista do Brasil». Esta foi a decisão unânime da Conferência Estadual da Maioria Revolucionária do Partido Comunista Brasileiro na Guanabara, realizada em princípios de dezembro. Tal decisão culmina todo um período, de luta árdua e complexa, de muitas centenas de militantes comunistas, que romperam decididamente com as posições falsas do partido dirigido por L. C. Prestes.

Após o golpe militar de 1964, a quase totalidade dos membros do PC Brasileiro na Guanabara rebelou-se contra a linha oportunista daquêle partido. Iniciou um difícil processo de luta ideológica, buscando o justo caminho do marxismo-leninismo. Nesta luta, recolheu proveitosas experiências e avançou em sua formação revolucionária. Teve também de superar incompreensões e preconceitos alimentados, durante muitos anos, pelas idéias errôneas do XX Congresso do PCUS. Ao combater as concepções de direita, não se deixou arrastar pelas tendências «esquerdizantes» de grupos pequeno-burgueses.

Assumindo atitude revolucionária e situando-se nas posições do marxismo-leninismo, a maior parte dos divergentes do PC Brasileiro chegou à justa compreensão de que o seu lugar era nas fileiras do Partido Comunista do Brasil. Desde então, envidou esforços para somar suas fôrças na verdadeira organização de vanguarda do proletariado. Êste é um grande mérito dos camaradas da Guanabara.

A sua integração orgânica, política e ideológica no PC do Brasil foi acompanhada de vivos debates nas assembléias das organizações de base e nas conferências de organismos intermediários. Os principais documentos do PC do Brasil e a Resolução do Comitê Estadual da Maioria Revolucionária do PCB, de junho de 1968, serviram de base às discussões que precederam à Conferência da Guanabara.

A Conferência aprovou um Comunicado intitulado VIVA O PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL e uma Carta ao Comitê Central do PC do Brasil. No primeiro dêstes documentos, afirma-se que o caminho do povo é a revolução. «As massas não conquistarão a vitória — diz o Comunicado — enquanto não enveredarem pelo caminho revolucionário, não forjarem seu próprio exército, autênticamente democrático e verdadeiramente nacional, criado no fogo da luta revolucionária sob a direção do Partido Comunista do Brasil». Ao indicar as tarefas dos comunistas guanabarinos, destaca: «É preciso voltar-se para as grandes massas. (...) Por mais dura que seja a repressão policial, por mais difíceis que sejam as possibilidades de ação legal existente, os comunistas devem esforçar-se para manter, fortalecer e ampliar o contato com os trabalhadores e as massas em geral, a fim de organizá-las e mobilizá-las na luta contra a ditadura, concentrando o trabalho nos setôres mais explorados do povo». Desmascarando o PC Brasileiro, o documento diz: «Desde 1958, a organização dirigida por Prestes enveredou pelo caminho da traição à revolução, da capitulação de classe ante à burguesia». E agrega: «A decisão de integrar as fileiras do Partido Comunista do Brasil reveste-se de enorme importância. Ela nos coloca no justo caminho. Com ela, passamos a integrar o nôvo, poderoso e verdadeiro movimento comunista internacional, que ressurge e avança sôbre os escombros das hostes revisionistas e que, atuando sob a invencível bandeira do marxismo-leninismo, inspira e dirige a formação e a luta da ampla frente-única mundial dos povos oprimidos contra a frente-única do imperialismo com o revisionismo contemporâneo. Tornamos a ser parte da vanguarda internacional do proletariado. É uma grande honra e uma grande responsabilidade. Cabe-nos, pois, tudo fazer para colocar o Partido na Guanabara à altura de sua missão e de suas tarefas».

Compreendendo o grande significado da luta de vida e morte que se trava, hoje, no mundo entre o marxismo-leninismo e o revisionismo contemporâneo, o Comunicado da Conferência da Guanabara proclama: «A luta contra o revisionismo contemporâneo durará muito tempo. A Conferência declara que, nesta luta, não pode haver posição intermediária. É uma luta em tôrno de princípios que está ligada ao próprio destino da revolução socialista mundial e do movimento comunista internacional. Estamos ao lado de Mao Tse-tung e do Partido Comunista da China. O pensamente de Mao Tse-tung, sendo a expressão concentrada da experiência internacional do proletariado, é o marxismo da época atual. Estamos ao lado do Partido do Trabalho da Albânia. Cerramos fileiras junto a todos os que defendem os princípios revolucionários contra as deformações introduzidas em nossa ideologia, em nossa teoria, em nossa política e em nossa organização pelo revisionismo — hoje o perigo principal no movimento comunista internacional».

Na Carta dirigida ao Comitê Central, os camaradas da Guanabara assinalam o papel desempenhado pelos que, desde o V Congresso do PCB em 1960, insurgiram-se contra a orientação oportunista e, em 1962, reorganizaram o Partido Comunista do Brasil. «Vocês, camaradas, — diz a Carta — não ficaram no meio do caminho. Ao contrário. Foram consequentes e enquanto o partido de Prestes capitulava cada vez mais, diante da burguesia nacional, vocês reorganizavam o PC do Brasil e, nas condições adversas do ascenso mais ou menos «pacífico» do movimento de massas, quando tudo parecia comprovar a linha revisionista do V Congresso, em meio a euforia das ilusões de classe, do nacional-reformismo, mantiveram de pé e ergueram mais alto a bandeira vermelha da revolução e guardaram fidelidade à doutrina do proletariado. Vocês, camaradas, souberam manter-se firmes, suportando os embates das vagas do revisionismo contemporâneo, no difícil período de sua maré enchente».

(continua na pag. 3)

A DITADURA NAO CONSEGUIRÁ DETER AS LUTAS DO POVO

1 Com o Ato Institucional nº 5, os militares no Poder enveredaram pelo caminho do mais completo arbítrio, da ditadura ainda mais aberta e violenta. Suspenderam o recurso do habeas-corpus, impuseram a censura prévia à imprensa, voltaram à prática das cassações de mandatos e de direitos políticos, retornaram ao sistema das demissões sumárias de funcionários públicos e da liquidação da vitaliciedade e inamovibilidade dos juízes. Arrogaram-se o direito de intervir, a seu bel-prazer, nos Estados e Municípios. Pondo de lado o Congresso, passaram a governar através de decretos-leis.

Uma onda de violências espraia-se pelo país inteiro. A repressão é dirigida pelos altos comandos das Fôrças Armadas. Sucedem-se as prisões de estudantes, trabalhadores, intelectuais, sacerdotes e políticos da oposição. Muitos presos são submetidos a sevícias e torturas. Censores militares ocupam as redações dos jornais. Livros são apreendidos, escolas invadidas e depredadas. A vida dos cidadãos está à mercê de um bando de sacripantas cujos atos criminosos não estão sujeitos à apreciação dos tribunais.

Assim, os generais fascistas, pisoteando a própria Constituição que haviam imposto ao país, tornaram ainda mais despótico o regime instaurado em abril de 1964.

2 O Ato Institucional nº 5 surge como resultado do descrédito crescente do govêrno, da total falência de sua política, do temor da ditadura diante do avanço da luta das massas. É um vão esfôrço para prolongar por mais algum tempo a catastrófica permanência dos militares à frente da administração pública. A camarilha governante não consegue manter-se no Poder por outro meio que não seja o emprêgo da *fôrça bruta*.

Quando do golpe de 1º abril, os militares apresentaram-se como salvadores. Ocuparam os principais cargos públicos. Alardeavam possuir as soluções de todos os problemas nacionais. Durante quase cinco anos, dispondo de poderes discricionários, aplicaram seus esquemas milagrosos. Engendraram copiosa legislação sôbre os mais diversos assuntos. Tudo redundou num estrondoso fracasso. A situação do país é muito mais grave e a vida do povo muito mais difícil do que no período anterior ao golpe. O Brasil está ainda mais endividado e ainda mais dependente dos Estados Unidos. Aprofunda-se a crise econômico-financeira e o país debate-se na estagnação e no atraso. Estendeu-se o descontentamento às mais amplas camadas sociais.

Em que pese a selvageria da ditadura, objetivando esmagar a ferro e a fogo as lutas do povo, o movimento democrático e antiimperialista alcançou elevado nível. As massas populares não se atemorizaram nem se submeteram aos desmandos dos militares. Sua combatividade cresceu incessantemente. O sentimento antiditatorial e antiamericano penetrou em tôda parte. Em especial, o ano de 1968 registrou notável intensificação da luta dos estudantes, operários e outros setôres da população.

Cresceu também a oposição à ditadura em certos círculos das classes dominantes. No próprio Congresso, onde predominam fôrças reacionárias, fizeram-se ouvir críticas contundentes ao govêrno. A Câmara dos Deputados chegou mesmo a negar o pedido dos ministros militares para processar um parlamentar. Órgãos da chamada grande imprensa, que apoiaram o golpe de 1º de abril, condenavam muitos aspectos da política governamental. Parte importante do clero católico manifestava franca discordância com a situação.

A desmoralização do govêrno aumentava de dia para dia. Incapaz de enfrentar, e muito menos resolver, qualquer problema de maior importância, sua inépcia tornou-se patente. No próprio partido situacionista apareceram agrupamentos que não obedeciam inteiramente ao comando do Palácio do Planalto. Na área militar, apresentavam-se vários candidatos à sucessão de Costa e Silva em 1970, acirrando disputas no seio da camarilha dirigente.

A situação tornou-se mais difícil para o govêrno com a ação dos militares e civis pertencentes ao Grupo da Sorbonne. Éste grupo, formado na Escola Superior de Guerra e intimamente vinculado aos imperialistas norte-americanos, teve, sob a direção de Castelo Branco, a hegemonia dos golpistas após e 1º de abril. Com a posse de Costa e Silva, seus principais componentes foram substituídos em postos-chave por elementos da Linha Dura. Em face do avanço do movimento popular e da desmoralização do govêrno, o Grupo da Sorbonne mostrava-se preocupado com os rumos da política de Costa e Silva, temendo que esta política pudesse provocar explosões revolucionárias. Passou então a realizar intensa atividade nos bastidores, procurando arregimentar fôrças com o objetivo de retornar ao Poder. Neste sentido, confabulava com certas correntes das classes dominantes.

Assim, às vesperas da edição do Ato Institucional nº 5, Costa e Silva defrontava-se com séria crise política. Acuado pelo movimento de massas em ascensão, combatido pela oposição e por influentes órgãos da imprensa e a braços com divergências na área militar, o govêrno sofria derrotas sucessivas e achava-se bastante abalado. A solução encontrada pelos militares para enfrentar esta situação crítica foi a decretação do Ato Institucional nº 5. Éste Ato volta-se fundamentalmente contra o movimento popular e democrático. É dirigido também contra os setôres de oposição das classes dominantes. E atinge, de certo modo, elementos do Grupo da Sorbonne. Com as medidas de fôrça agora tomadas, os militares no Poder isolaram-se ainda mais.

3 O pretêxto utilizado pelos militares para a edição do Ato Institucional nº 5 foi o mesmo já invocado pelos golpistas em 1964: o combate à corrupção e à subversão. Repete-se o chavão usado há quase cinco anos. O cinismo casa-se com a falta de originalidade.

Os atuais detentores do Poder não têm autoridade para levantar a bandeira da luta contra a corrupção. Em nenhuma época, como agora, floresceu tanto o roubo dos dinheiros públicos e o enriquecimento ilícito. As «caixinhas» voltaram a proliferar. É sabido que Gama e Silva, Ministro da Justiça, incumbido de investigar a corrupção, está envolvido no escândalo da SUDAN e chefia tôda uma gang que realiza a mais desbragada advocacia administrativa. O coronel Andreazza, Ministro dos Transportes, recebe vultosas somas de empreiteiros de obras públicas e acha-se metido em sujos negócios na construção naval. O general Albuquerque Lima, Ministro do Interior, tem seus agentes na Zona Livre de Manaus que embolsam gordas propinas para fazer vista grossa ao contrabando. Sem nenhum contrôle, o general Portela, chefe da Casa Militar, manipula, em benefício próprio e de seus apaniguados, desmedidas verbas secretas. Costa e Silva não está alheio às negociatas da Companhia Imobiliária Santo Afonso Limitada. E que outro nome pode ter, senão corrupção em massa, a elevação injustificada das vantagens e vencimentos dos militares da ativa? Enquanto os oficiais das Fôrças Armadas tiveram aumentos consideráveis, os funcionários civis da União receberam migalhas.

O combate à corrupção no atual regime é pura demagogia. A corrupção é inerente ao sistema econômico-social dominante no país e a sua maior fonte está na dominação imperialista norte-americana. Não se pode liquidá-la sem mudar o atual regime, sem libertar o Brasil do domínio ianque. A ditadura é o clima mais propício ao seu desenvolvimento. As liberdades democráticas facilitam as denúncias de negociatas e roubalheiras como as que se verificam atualmente.

Em nome do combate à subversão, o que os militares fazem é impor uma ditadura a serviço dos imperialistas estadunidenses e do que há de mais retrógrado no país. Sua luta contra a chamada subversão é simples cortina de fumaça para sufocar as liberdades, desencadear o terrorismo cultural, intervir nos sindicatos, garrotear a imprensa, perseguir patriotas, assassinar estudantes e trabalhadores. É a violência generalizada contra a esmagadora maioria da nação. Subversivos, para os generais, são todos os brasileiros que a êles se opõem.

Qualquer movimento reivindicatório é tachado pelos militares de subversão. Mas sòmente nos regimes fascistas se considera crime a luta dos trabalhadores por melhores condições de vida, dos camponeses pela terra, dos estudantes pela democratização do ensino, dos intelectuais em defesa da cultura, dos patriotas contra a dominação estrangeira, dos democratas pelas liberdades e do povo por um govêrno que o represente. É direito inalienável do cidadão rebelar-se para derrubar um govêrno tirânico. A ação revolucionária das massas populares para derrocar o govêrno ditatorial e entreguista de Costa e Silva é perfeitamente legítima. E mais ainda. É um dever patriótico.

4 O Ato Institucional nº 5 não é expressão de fôrça. Revela, bem ao contrário, debilidade da ditadura. A todo instante, os generais blasonam poderio e ameaçam céus e terras. Sucedem-se os discursos, comunicados e entrevistas arrogantes e agressivos de comandantes de grandes unidades do Exército. Mas esta arrogância e agressividade encobrem o mêdo e a fraqueza dos militares.

Êles possuem as armas compradas com o dinheiro da nação, mas encontram-se bastante isolados e repudiados pelo povo. Seu poder é precário, repousa sôbre uma base política muito estreita. O campo de manobra que dispõem reduziu-se a quase nada.

Durante anos, sob a orientação norte-americana, empenharam-se em construir uma fachada «legal» para encobrir a ditadura e seu caráter militarista. Mantiveram um arremêdo de Congresso, permitiram a existência pró-forma de dois partidos políticos, outorgaram uma pretensa Constituição e chegaram mesmo a realizar pantomimas eleitorais. Agora, a fachada «constitucional» construída com tanto esmêro desmoronou como um castelo de cartas. Não puderam manter as aparências.

Extensos setôres da população, após o Ato Institucional nº 5, podem ver melhor que o verdadeiro Poder está nas mãos de uma casta militar. Podem ver que congresso, assembléias legislativas, partidos políticos, governos estaduais, tribunais etc. têm existência meramente formal e são colocados à margem, quando não mutilados ou dissolvidos, sempre que contrariem os interêsses dos militares ou desaprovem suas arbitrariedades. Para as grandes massas ficou ainda mais claro que quem governa o país é um grupo de militares retrógrados, ligados ao Pentágono, imbuídos de sentimentos de superioridade que, hoje, se reunem no denominado Conselho de Segurança Nacional.

Desmascarados e isolados, os militares só se mantêm no Poder através da violência mais desenfreada. Com isto cavam sua própria sepultura. Podem, em desespêro, cometer tôda sorte de crimes e desatinos. Mas não conseguirão deter o avanço do movimento de massas contra a ditadura e o imperialismo ianque. O povo já demonstrou, nos últimos anos, que não teme a brutalidade da reação e está decidido a lutar pelas liberdades e a independência nacional.

5 Os militares no Poder, que procuraram enfrentar a crise política recorrendo ao Ato Institucional, momentâneamente, poderão contornar a situação. Mas a crise política ressurgirá com maior virulência. As causas que a determinam têm suas raízes profundas no aguçamento da contradição entre a esmagadora maioria da nação, de um lado, e o imperialismo norte-americano e seus sustentáculos internos, de outro, da contradição entre o povo brasileiro e a ditadura militar. As lutas das massas adquirirão nôvo nível de combatividade, a oposição de setôres das classes dominantes tende a se acirrar e as divergências nas áreas militares acentuar-se-ão.

Os operários, camponeses, estudantes e intelectuais, tirando lições dos fatos, organizando e unindo melhor suas fôrças, infligirão sérias derrotas à camarilha militar. As ações populares contra os gorilas terão maior apoio do que antes e a ditadura ver-se-á mais isolada do que nunca. Os generais não podem evitar nem esmagar as grandes explosões de revolta das massas. Êles contam ùnicamente com os quartéis. Mas os quartéis nem sempre têm condições de investir contra o movimento popular. Nas horas de grandes comoções vacilam. Soldados e sargentos são oriundos do povo e podem se recusar a ser carrascos de seus compatriotas.

A perseguição a inúmeros políticos das classes dominantes provocará maiores resistências dos círculos onde influem. Sua oposição à ditadura se manifestará de diferentes formas. Embora esta oposição seja inconse-

(continua na pag. 3).

PANORAMA INTERNACIONAL

ORÇAMENTOS DE GUERRA

A corrida armamentista é um dos aspectos principais da atual situação internacional. Numa escala sem paralelo, as grandes potências do bloco imperialista e do bloco revisionista preparam-se para a guerra, no afã de solucionar suas crescentes dificuldades econômicas e políticas e de amainar a crise geral do sistema capitalista.

Os orçamentos militares dos Estados Unidos e da União Soviética para 1969 revelam o grau que atingiram os preparativos bélicos destas duas nações. As despesas militares ianques para o próximo ano serão superiores às de 1968 em 30 bilhões de dólares, ou melhor, passarão de 80 bilhões para 110 bilhões de dólares. E as verbas soviéticas para fins militares superarão em 17 bilhões e 700 milhões de rublos às do ano passado. Tendo em conta que os Estados Unidos e a União Soviética aplicam, com objetivos militares, sob diversas rubricas, outras somas fabulosas, conclui-se que grande parte de seus gastos orçamentários é destinada à preparação bélica.

Por que isto acontece? Porventura, os líderes do imperialismo norteamericano e os chefes do revisionismo soviético não vivem proclamando seu amor à paz? Uns e outros não passam de fariseus. Falam de «desarmamento geral e completo» e armam-se até os dentes. Os imperialistas ianques realizam uma guerra selvagem contra o Vietname e declaram solenemente seus propósitos de «alcançar a paz por meio de negociações». Os revisionistas soviéticos invadiram traiçoeiramente a Checoslováquia e proclamaram que seus objetivos eram «salvar o socialismo e preservar a paz». Apesar da rivalidade existente entre os Estados Unidos e a União Soviética, seus governos, presentemente, estão mancomunados para dividir o mundo entre si.

Tais fatos desvendam a falsidade e a falta de escrúpulos da propaganda pacifista do imperialismo ianque e de seus comparsas, os revisionistas soviéticos. Ajudam a compreender os verdadeiros motivos de seus intensos preparativos guerreiros. Simultâneamente com o emprêgo cada dia maior da reação e do fascismo nos países onde dominam os imperialistas dos Estados Unidos e os revisionistas da União Soviética, a corrida armamentista é realizada com a finalidade de aumentar a repressão contra os movimentos de libertação dos povos oprimidos, desencadear novos atos de agressão, impor o domínio soviético-norte-americano a todo o mundo. A preparação militar e o conluio entre os governantes da URSS e dos Estados Unidos têm em vista, principalmente, cercar e atacar a grande China Popular, poderosa base de apoio da luta emancipadora dos povos e o maior obstáculo aos ambiciosos planos de Washington e Moscou.

A acumulação de armas nos arsenais dos Estados Unidos e da União Soviética e a exibição constante da mais elevada técnica na arte de matar que êstes países fazem também revelam a política de intimidação e chantagem, visando a submeter os povos à sua dominação. Mas a cada ameaça e a cada agressão, da Casa Branca e do Crêmlin, maior tem sido o despertar das massas populares e maior a determinação dos povos de se opor aos desígnios expansionistas e belicistas do imperialismo ianque e do revisionismo soviético. Afinal, em última instância, serão as massas que decidirão da sorte das batalhas e não as armas, por mais terríveis que sejam.

Chegará, sem dúvida, o dia em que as guerras, como produto da divisão, da exploração e da opressão de classes, desaparecerão da face da terra. Para atingir tão nobre objetivo, entretanto, as fôrças revolucionárias não devem alimentar ilusões pacifistas e reformistas nem se deixar enganar pela cantilena dos imperialistas ianques e dos revisionistas soviéticos sôbre um pretenso desarmamento ou sôbre um pseudo-programa de ajuda aos povos. À corrida armamentista os povos responderão com uma ampla frente-única contra os imperialistas norte-americanos e soviéticos.

AÇÃO ARMADA NO CAMPO

Poucos dias depois da decretação do Ato Institucional nº 5, visando a esmagar a luta das massas, mais de 300 camponeses da Colônia Guairacá, perto de Matelândia, no Paraná, levantaram-se em armas contra as tentativas dos grileiros para expulsá-los das terras que ocupam.

Utilizando velhos processos de intimidação, os latifundiários enviaram numerosos jagunços armados para destruir plantações, humilhar os posseiros, invadir e queimar suas casas. Pensavam assim apoderar-se das terras desbravadas e há cinco anos cultivadas por centenas de homens do campo. Enganaram-se, porém. Os camponeses, armados de facões, foices, faces e carabinas, reagiram. Mataram e feriram vários jagunços e se prepararam para enfrentar as represálias da polícia e do Exército. Obstruíram a estrada com troncos de madeira e espalharam-se em grupos pelos pontos mais favoráveis à resistência contra o inimigo. Estavam prontos para o que desse e viesse.

O govêrno do Paraná enviou, às pressas, mais de 100 soldados da Polícia Militar e o Exército adotou medidas para intervir, se necessário, nos acontecimentos. Mas a Polícia não se atreveu a aproximar-se das áreas ocupadas pelos camponeses armados. Ficou aquartelada em Matelândia. Mais tarde enviou pequenos grupos de soldados para sondar o ambiente. Êstes encontraram nos ranchos, apenas, as mulheres e as crianças. Os homens estavam no mato organizando a resistência armada.

Diante da firmeza dos camponeses, a reação manobrou. O major comandante do destacamento policial anunciou que «o que passou, passou». Conhecendo bem o estado de ânimo dos agricultores, não teve dúvidas em dizer que o melhor era «deixar tudo do jeitinho que está». Afirmou: «Os posseiros são muito unidos entre êles e não vão prestar nenhuma informação à polícia que possa comprometer alguns dos seus companheiros». Dias depois, os agentes da reação prenderam alguns elementos a quem atribuíram propósitos de fazer «agitação» no meio rural.

Os camponeses não se deixarão iludir com a trégua das fôrças repressivas. A ditadura procura evitar que a luta em Guairacá se agrave e sirva de exemplo aos demais trabalhadores da região. Quer amortecer a vigilância e a combatividade dos posseiros para voltar à carga e ajudar os grileiros a expulsá-los da terra. A fim de defender o que lhes pertence, os camponeses precisam unir-se mais ainda, afiar suas armas e manter-se alerta, criar suas organizações de luta e precaver-se contra os derrotistas e delatores.

Os acontecimentos de Matelândia mostram o caminho que os homens do campo devem seguir em face das arbitrariedades dos latifundiários e da polícia. A união e a luta armada constituem a chave da vitória. Os fatos vieram mostrar que a ditadura militar, com seus atos institucionais, não conseguirá impedir o desencadeamento de poderosas ações de massas no interior. Muitos outros Guairacá virão.

O PARTIDO DO PROLETARIADO SE FORTALECE

(continuação da pag. 1).

A Carta dos camaradas da Guanabara comunica ao Comitê Central que a sua Conferência, «expressando a vontade unânime das assembléias das organizações de base e das conferências dos organismos intermediários, aprova a orientação estabelecida no documento do Comitê Estadual, 'Um Reencontro Histórico', e decide cerrar as fileiras do Partido em tôrno do Comitê Central do Partido Comunista do Brasil, sob a égide do qual se colocam o nôvo Comitê Regional, ora eleito, e tôdas as organizações e membros do Partido na Guanabara».

Participou da Conferência da Guanabara uma delegação do Comitê Central do PC do Brasil. Em sua saudação aos participantes da reunião, esta delegação sublinhou a grande contribuição que os companheiros guanabarinos deram no desmascaramento das posições oportunistas do partido de Prestes e no combate às teses do revisionismo contemporâneo. Ressaltou o valor que os camaradas da Guanabara demonstraram ao romper com os partidários da «terceira posição» e ao adotar a linha marxista-leninista. Destacou também o significado da integração dos comunistas da antiga capital da República nas fileiras do PC do Brasil. Esta integração fortalece a vanguarda da classe operária em nosso país.

A DITADURA NÃO CONSEGUIRÁ DETER AS LUTAS DO POVO.

(continuação da pag. 2).

quente e se volte para as soluções de compromisso, não poderá deixar de acarretar dificuldades à ditadura.

As divergências na área militar, principalmente entre a Linha Dura e o Grupo da Sorbonne — divergências quanto ao método de levar à prática a política iniciada com o golpe de 1964 e também ligadas à disputa pelos postos-de-mando — tornar-se-ão mais agudas à medida em que o govêrno se desmoralize e o movimento democrático avance.

O govêrno, tal como antes, não conseguirá resolver nenhum dos problemas que afligem a nação. As dificuldades que o país atravessa serão agravadas com as novas medidas de arbítrio. Costa e Silva ver-se-á acossado por todos os lados.

É inevitável a eclosão de uma crise política de maiores proporções.

6 — A atual investida dos militares deve ser respondida com a intensificação da luta de massas contra a ditadura e o imperialismo ianque. É preciso não dar tréguas a Costa e Silva e seu grupo. Sem sectarismo e sem se deixar envolver pelas manobras das correntes de oposição que pretendem desviar as massas do caminho revolucionário, é necessário unir as mais amplas fôrças que não querem viver sob a tutela dos militares e sob o jugo dos monopólios norte-americanos.

No combate intransigente à ditadura, é imprescindível exigir a liberdade dos presos políticos, reclamar o fim da censura à imprensa, protestar contra os atos atrabiliários dos militares. É indispensável levar adiante a luta contra a carestia e o arrôcho salarial. Os operários têm na greve um poderoso instrumento para enfrentar a política de fome do govêrno e desempenhar seu papel revolucionário. Torna-se imperioso prosseguir na mobilização dos estudantes pelas liberdades e em defesa de seus direitos. Os comícios-relâmpagos, as passeatas e outras demonstrações são métodos de ação já comprovados. Urge desenvolver a luta dos camponeses e assalariados agrícolas por suas aspirações mais sentidas. Que os militares sintam em tôda parte o ódio e a repulsa!

O povo brasileiro não poderá se livrar de seus opressores sem recorrer à luta armada. Os generais dizem abertamente que as armas estão em suas mãos e que as utilizarão contra os patriotas e democratas para defender o injusto regime vigorante no país. Se o povo não quiser viver como escravo, sob o tação dos generais fascistas e sob o guante do imperialismo ianque, precisa também dispor de armas e preparar-se para usá-las contra seus inimigos.

Os comunistas devem ocupar seu pôsto de vanguarda na luta contra a ditadura. Sem cair no aventurismo e procurando resguardar o Partido dos golpes da reação, devem, junto com as massas, saber ampliar e radicalizar as lutas.

ABAIXO O ATO INSTITUCIONAL Nº 5!

ABAIXO A DITADURA MILITAR!

FORA O IMPERIALISMO NORTE-AMERICANO!

Rio de Janeiro, dezembro de 1968

A Comissão Executiva do
PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

HISTÓRICA REUNIÃO

Da 11 a 31 de outubro do ano passado, reuniu-se em Pequim a XII Sessão Plenária Ampliada do Comitê Central eleito no VIII Congresso Nacional do Partido Comunista da China. Nesta reunião, de significação histórica, foi aprovado um Comunicado que aborda importantíssimas questões relacionadas com a luta, de extrema complexidade, travada pelo povo chinês nos últimos anos, sob a direção do Partido Comunista da China e de seu grande líder, o camarada Mao Tse-tung. O Comunicado trata também de problemas que dizem respeito ao movimento comunista mundial e à luta dos povos de todo o mundo.

O Comunicado da XII Sessão Plenária foi editado pelo PC do Brasil e deve ser discutido e estudado com a maior atenção por todos os seus militantes.

Expressando os sentimentos dos revolucionários brasileiros, o Comitê Central do PC do Brasil enviou ao partido irmão da China a seguinte mensagem:

Ao Presidente Mao Tse-tung
Ao Comitê Central do Partido Comunista da China

Prezados camaradas.

Os comunistas brasileiros, com imenso júbilo, tomaram conhecimento das decisões adotadas na XII Sessão Plenária Ampliada do Comitê Central eleito no VIII Congresso Nacional do Partido Comunista da China. Estas decisões revestem-se de significação histórica. Assinalam o triunfo completo da Grande Revolução Cultural Proletária, revolução política realizada pela classe operária contra a burguesia e demais classes exploradoras nas condições da ditadura do proletariado. Consagram a vitória incontestável da orientação propugnada pelo Presidente Mao Tse-tung e registram a fragorosa derrota da linha sustentada por um punhado de renegados, inimigos rancorosos do socialismo.

O Comitê Central do Partido Comunista do Brasil saúda e apóia entusiàsticamente o Comunicado da XII Sessão Plenária do Comitê Central do Partido Comunista da China. Compreende a enorme importância da luta travada pelos revolucionários chineses, sob a direção do quartel-general proletário chefiado por Mao Tse-tung e tendo como subchefe o camarada Lin Piao. Foram totalmente desbaratados Liu Shao-chi e seus apaniguados, que haviam usurpado altos postos no Partido, Govêrno e Exército visando a arrastar a China Popular para o caminho do capitalismo, liquidar a ditadura do proletariado e instaurar a ditadura da burguesia. Êste bando de traidores tudo fêz para esconder sua catadura reacionária a fim de enganar o povo chinês e os revolucionários de outros países. Mas a Revolução Cultural Proletária, iniciada e dirigida pelo camarada Mao Tse-tung, desmascarou seus torpes intentos, revelou seus crimes e desacreditou suas idéias nefastas. A expulsão de Liu Shao-chi do Partido e sua destituição de todos os cargos que exercia reforçam a causa do socialismo na China e a luta dos povos contra o imperialismo, o revisionismo contemporâneo e a reação. No encarniçado combate que se travou na China entre duas classes, dois caminhos e duas linhas venceu a classe operária, o caminho socialista e a linha proletária revolucionária. A derrota foi da burguesia, do caminho capitalista, da linha revisionista. Triunfou o marxismo-leninismo, o pensamento de Mao Tse-tung.

Os *revolucionários brasileiros valorizam altamente a decisão tomada pela XII* Sessão Plenária sôbre a função do proletariado na China. Quando os renegados revisionistas procuram obscurecer o caráter de classe da sociedade socialista, aquela Sessão destaca, com grande ênfase, a missão de vanguarda do proletariado e chama as grandes massas a aplicar o ensinamento do camarada Mao Tse-tung de que tudo deve ser dirigido pela classe operária. Assim, a XII Sessão Plenária desfechou um golpe demolidor no revisionismo contemporâneo e defendeu a doutrina do marxismo-leninismo que atribui ao proletariado o papel de coveiro do capitalismo e de dirigente da construção da nova sociedade.

O fortalecimento do Partido Comunista da China, no curso da Grande Revolução Cultural Proletária, é motivo de profunda satisfação para os marxistas-leninistas brasileiros. Nos embates de classe dêstes dois últimos anos, o Partido Comunista da China livrou-se dos elementos direitistas e traidores, temperou seus quadros, atraiu para suas fileiras os melhores filhos do povo e impregnou-se ainda mais do pensamento marxista-leninista de Mao Tse-tung. Sob a liderança de seu acatado líder, foi a fôrça norteadora da árdua e grandiosa luta em defesa do socialismo, que mobilizou centenas de milhões de chineses. É, de fato, um grande e glorioso Partido que segue um caminho correto. A convocação do IX Congresso do PC da China prenuncia novos êxitos do marxismo-leninismo, do pensamento de Mao Tse-tung e enche de contentamento os partidos e organizações revolucionárias de todo o mundo.

Com a maior oportunidade e justeza, a XII Sessão Plenária ressaltou a contribuição inestimável do pensamento de Mao Tse-tung para o início e a vitória da Grande Revolução Cultural Proletária. O Comitê Central do Partido Comunista do Brasil considera que o movimento operário internacional muito deve ao camarada Mao Tse-tung que, com sua acuidade e visão revolucionárias, salvou a China da ameaça revisionista e possibilitou à revolução mundial um poderoso avanço. O fato de a China ter se livrado dos traidores e consolidado a ditadura do proletariado permite aos povos revolucionários contar com a formidável base de apoio representada por 700 milhões de pessoas, unidas em tôrno do Partido Comunista e de seu sábio e eminente chefe. O pensamento marxista-leninista de Mao Tse-tung ilumina o caminho da luta dos povos de todos os continentes.

A indicação aprovada na XII Sessão Plenária de que os povos oprimidos pelo imperialismo, o revisionismo soviético e seus lacaios devem formar uma ampla frente-única contra seus opressores corresponde aos interêsses da esmagadora maioria da Humanidade. Esta oportuna indicação conta com o irrestrito apoio do Partido Comunista do Brasil.

A transcendental vitória dos comunistas chineses, expressa na XII Sessão Plenária, constitui também uma vitória dos marxistas-leninistas de todos os países. Contribui extraordinàriamente para solidificar mais ainda a unidade dos revolucionários proletários. O Partido Comunista do Brasil que, desde o início, apoiou sem hesitações a Grande Revolução Cultural Proletária, sente legítimo orgulho da posição que adotou. Os laços de amizade e solidariedade que unem o Partido Comunista do Brasil ao Partido Comunista da China tornaram-se mais fortes e indestrutíveis.

Viva a XII Sessão Plenária Ampliada do Comitê Central do Partido Comunista da China!

Viva a Grande Revolução Cultural Proletária!

Viva o Presidente Mao Tse-tung, o maior marxista-leninista de nossa época!

Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1968
O Comitê Central do
Partido Comunista do Brasil

SAUDAÇÃO AO POVO ALBANÊS

Ao camarada Enver Hodja
Ao Comitê Central do Partido do Trabalho da Albânia
Prezados camaradas.

O Comitê Central do Partido Comunista do Brasil saúda calorosamente, por vosso intermédio, o heróico povo albanês pela passagem do 24º aniversário da fundação da República Popular da Albânia.

A libertação da Albânia foi um grande feito histórico. Secularmente explorado e oprimido, embora jamais abandonasse a resistência, o povo albanês ergueu-se novamente, em 1941, encabeçado pelo jovem e valoroso partido dos comunistas, sob a liderança de seu grande filho, Enver Hodja, uniu-se na Frente de Libertaçao Nacional, formou seu exército libertador e, através de lutas memoráveis, desfez as manobras dos capitulacionistas internos, expulsou os ocupantes nazi-fascistas, estabeleceu um Estado de Democracia Popular, dirigido pelo proletariado, e abriu para a Albânia o luminoso caminho do socialismo.

Sob o nôvo regime, o país mais atrasado da Europa, vítima constante das invasões estrangeiras, converteu-se, num breve prazo, numa nação próspera, verdadeiramente soberana, que assegura, de fato, a todos os seus filhos, ampla cultura e crescente bem-estar.

Atualmente, a Albânia atravessa uma fase sem paralelo em sua obra de construção socialista, marchando aceleradamente para tornar-se um país industrial-agrário. Os operários, os camponeses cooperativistas, os intelectuais revolucionários, a juventude, enfim, todo os seus homens e mulheres, inspirados e orientados pela justa direção do Partido do Trabalho, realizam profundo movimento de revolucionarização ideológica que contribui para extirpar os restos dos velhos preconceitos feudais e burgueses, combater o egoísmo, elevar o nível de consciência socialista em todos os aspectos da vida do país, afiançar a ditadura do proletariado e fazer avançar ainda mais a revolução, impedindo qualquer retrocesso no sentido do capitalismo.

Para alcançar tão significativos triunfos, o povo albanês teve de vencer a pesada herança do passado como também os tremendos obstáculos opostos pelos reacionários de dentro e de fora do país, pelos imperialistas estrangeiros e pelos revisionistas titistas e kruschovistas. Jamais se intimidou ou cedeu diante das ameaças, sabotagens, complôs e bloqueios dos seus inimigos. Ao contrário, foi um dos primeiros a levantar-se contra o revisionismo contemporâneo, a denunciar sua traição à causa dos povos, da revolução e do comunismo e a defender o marxismo-leninismo. Alentou e apoiou sem reservas as fôrças revolucionárias e os marxistas-leninistas de todos os países, pugnando sem cessar pela unidade das fileiras do proletariado internacional e dos povos revolucionários. E se colocou num pôsto de vanguarda no combate implacável ao conluio do imperialismo norte-americano e do revisionismo soviético para dividir o mundo entre si. Ainda recentemente, desmascarou valente e oportunamente a invasão da Checoslováquia pelas tropas dos revisionistas do Pacto de Varsóvia e resolveu retirar-se abertamente dêste Pacto, demonstrando que o mesmo se havia convertido num instrumento da política agressiva dos revisionistas soviéticos que aparecem cada vez mais como realmente são: imperialistas e fascistas.

Com inteira justiça, o povo albanês conquistou o respeito e a admiração dos povos revolucionários e transformou-se em estrela brilhante do socialismo na Europa. Suas vitórias e essa posição destacada foram obtidas graças ao seu entranhado patriotismo, ao seu espírito revolucionário, ao fato de ser dirigido por um partido tão audaz e provado como o Partido do Trabalho e por um marxista-leninista tão eminente como Enver Hodja, que educaram o povo albanês na necessidade de apoiar-se em suas próprias fôrças, a ser fiel à causa do comunismo e a cumprir seus deveres internacionalistas. Por isso, a ajuda fraternal e desinteressada dos povos revolucionários, como a do povo soviético quando dirigido por J. V. Stálin e, hoje, sobretudo, a do grande povo chinês, [illegible] Mao Tse-tung, sempre foram altamente apreciadas pelo povo albanês.

As fôrças revolucionárias brasileiras, que em condições difíceis enfrentam a ditadura militar a serviço do imperialismo norte-americano e dos reacionários internos, sentem-se estimuladas pelo glorioso exemplo do povo albanês e de seu partido a fim de perseverar na luta até a vitória e estão orgulhosas por contar com sua firme solidariedade e amizade.

O Comitê Central do Partido Comunista do Brasil, em nome dos comunistas e das fôrças revolucionárias brasileiras, augura, nesta grande data, ao povo albanês, novos êxitos em sua luta heróica.

Viva a Albânia Socialista! E que seja eterno seu glorioso povo!

Viva a grande causa do comunismo!

Rio de Janeiro, novembro de 1968
O Comitê Central do Partido Comunista do Bras...